

Observando a conexão afetiva em crianças autistas

Desde quando Kanner (1943) descreveu clinicamente as manifestações das crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecida a dificuldade destas crianças em estabelecer contato afetivo com outras pessoas. Acredita-se que a habilidade inata do ser humano em se relacionar emocional e socialmente com outras pessoas está ausente nas crianças que desenvolvem o autismo (Hobson, 2002). Estas crianças estariam privadas de participar ativamente de interações sociais recíprocas e, de compartilhar com os outros os eventos e situações cotidianas. Este prejuízo na conexão sócio-afetiva seria a manifestação central do TEA. Devido aos problemas de engajamento afetivo nas interações diádicas, as crianças autistas não desenvolvem comportamentos que permitem a participação em interações triádicas e, em consequência disto, apresentam dificuldades simbólicas.

Embora o déficit na conexão sócio-afetiva seja considerado uma das manifestações mais salientes do TEA, poucas pesquisas têm se dedicado à investigação específica dos sinais precoces deste prejuízo e suas consequências para o desenvolvimento da capacidade simbólica. Estudar e identificar os sinais do autismo desde as fases precoces do desenvolvimento tem implicações para tanto para clínica quanto para a teoria. Programas de intervenção precoces mais eficazes poderão ser desenvolvidos na medida em que forem identificados precocemente possíveis sinais do TEA. Enquanto os clínicos argumentam que a intervenção precoce oferece oportunidades de tratamento mais eficazes, além da prevenção de déficits secundários que surgem em idade mais avançada, os teóricos ficam intrigados em descobrir a natureza das dificuldades primárias. O problema é que o autismo se manifesta de uma maneira muito heterogênea. Existem crianças que manifestam prejuízos severos desde muito cedo no desenvolvimento, o que facilita o reconhecimento precoce e há outras que apresentam prejuízos menos severos dificultando o reconhecimento para o risco de autismo. Portanto, os estudiosos e clínicos envolvidos nas questões referentes ao autismo devem estar atentos às habilidades da conexão sócio-afetiva que

podem estar prejudicadas desde as fases iniciais do desenvolvimento. Deste modo, deverá ser possível identificar e rastrear crianças com risco do autismo mais precocemente e encaminhá-las para uma intervenção o quanto antes. Se as crianças com autismo nascem com prejuízos na habilidade de conexão sócio-afetiva, muito provavelmente, é possível reconhecer precocemente falhas relacionadas aos processos interativos iniciais.

O **objetivo** desta pesquisa é observar **se e como** as crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista, inseridas em um programa de intervenção precoce, apresentam conexão afetiva com a sua terapeuta. Crianças com DT também foram observadas na pesquisa, fazendo parte do grupo controle, para que os dados entre os dois grupos de crianças pudessem ser comparados. Caso as crianças autistas apresentem conexão afetiva com a terapeuta será observado se há indícios do desenvolvimento da capacidade simbólica e, caso haja, se este tem correlação com a capacidade afetiva.

O contexto social é considerado um requisito básico para que ocorra a interação e a conexão afetiva entre a criança e o terapeuta, além de servir como um formato para o desenvolvimento das capacidades simbólicas e da linguagem. Levando-se em conta a importância do contexto sócio-interativo, três situações contextuais distintas foram estabelecidas para a observação da manifestação da conexão afetiva entre os parceiros. Logo, se a criança autista apresentar categorias de conexão afetiva com a terapeuta, deverão estar presentes no seu desenvolvimento categorias de interação social. Acredita-se que a conexão afetiva se manifeste por ações recíprocas entre adulto e criança, onde haja o compartilhar de estados afetivos em relação à díade e/ou aos eventos. Estas trocas recíprocas se caracterizam por ações afetivas mútuas, comportamentos sociais, comportamentos simbólicos e lingüísticos. Para analisar os resultados, foram selecionadas categorias discretas quantitativas e categorias diádicas de relação e afetiva, a partir de pesquisas previamente apresentadas nos capítulos anteriores deste estudo.

Método

Participantes

Dois grupos de crianças participaram deste estudo. **O primeiro grupo** consistiu em duas crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista, ambas do sexo masculino. Os participantes com TEA foram recrutados e filmados na Clínica de Análise do Comportamento (CAC), situada em Botafogo, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Nesta clínica, utiliza-se como método de intervenção para o tratamento das crianças diagnosticadas com TEA a Análise Aplicada do Comportamento, *Applied Behavior Analysis* (ABA). Os critérios de seleção das crianças com TEA foi o diagnóstico precoce e a idade menos avançada. No começo do estudo, as crianças tinham respectivamente, 2 anos e 2 meses, Francisco² e, 2 anos e 8 meses, Antônio. Os participantes foram encaminhados à clínica por apresentarem diagnóstico do TEA, realizado por médicos pediatras. Quando chegaram na CAC, ambos os participantes passaram por um processo de avaliação clínica, realizado pela psicóloga responsável desta clínica. Eles foram identificados com sinais do TEA, recebendo indicação para a intervenção precoce. Na avaliação, foi realizada uma anamnese com os pais e, uma avaliação clínica da criança para rastrear os sinais precoces do autismo. Nesta anamnese estão incluídas perguntas do *Checklist for Autism in Toddlers* (CHAT)³, uma Lista de Checagem do Autismo para crianças pequenas.

Francisco é o primogênito de uma família de dois filhos. Aos 15 meses, a família de Francisco desconfiou que o seu desenvolvimento não estivesse de acordo com os padrões típicos. Ele foi levado a uma pediatra que reconheceu sinais precoces do TEA e o encaminhou para exames neurológicos. O resultado dos exames não identificou nenhuma anormalidade neuroanatômica que justificasse o diagnóstico de uma síndrome neurológica, mantendo a suspeita de que a criança se enquadraria dentro dos critérios diagnósticos do TEA. Francisco foi encaminhado para a CAC onde foi realizada sua avaliação clínica e a anamnese com seus pais. A psicóloga responsável identificou marcadores do

²Os nomes dos participantes desta pesquisa são fictícios.

³O CHAT é um instrumento de identificação precoce do autismo que inclui 9 perguntas direcionadas ao cuidador e observação de 5 comportamentos da criança. Acredita-se que através de sua aplicação seja possível a identificação do autismo mais cedo pois inclui seus marcadores como: o apontar declarativo e o jogo simbólico. Esses marcadores não devem estar presentes nas crianças com autismo Baron-Cohen, Allen & Gillberg (1992).

autismo no desenvolvimento do Francisco através da avaliação realizada e, desde 1 ano e 4 meses de idade, a criança se encontra no programa de intervenção para o TEA desta clínica.

Antônio é gêmeo idêntico de outro menino também diagnosticado com TEA. Antônio e seu irmão são os primeiros e únicos filhos de um casal. De acordo com o relato da mãe, aos 28 meses de idade, a professora de ambos os irmãos suspeitou que eles apresentassem sinais do TEA. Esta professora sugeriu à mãe, uma médica pediatra, que os encaminhasse para uma avaliação neurológica. A mãe procurou um serviço de audiologia infantil para que fosse realizada uma audiometria nas crianças. Não houve sinais de que as crianças apresentassem problemas audiológicos e, com isto, elas foram encaminhadas a um neuropediatra.

Os exames e a observação clínica indicaram que Antônio e seu irmão se enquadravam dentro dos critérios diagnósticos do TEA. O neurologista indicou a CAC para que as crianças pudessem ser avaliadas para a necessidade de uma intervenção terapêutica. De acordo com os resultados da avaliação clínica das crianças e da anamnese realizada com os pais, a psicóloga identificou sinais do TEA para ambos os irmãos e, desde os 2 anos e 7 meses de idade, eles se encontram no programa de intervenção para o TEA proposto pela CAC.

O segundo grupo de crianças inseridas nesta pesquisa incluiu 2 crianças com padrões típicos do desenvolvimento (DT), ambas do sexo feminino. As crianças do grupo controle foram selecionadas por não apresentarem suspeitas de qualquer desvio no desenvolvimento. Bia, afilhada de uma das terapeutas da CAC, tinha 1 ano e 9 meses de idade quando participou da pesquisa. Camila, sobrinha de uma outra terapeuta da CAC, participou da pesquisa com 1 ano e 6 meses de idade. Os critérios de seleção para que as crianças típicas participassem da pesquisa foram apresentar um padrão típico do desenvolvimento e a idade mínima de 18 meses. Nesta idade, a criança com DT deve manifestar sinais de conexões afetivas com um parceiro e habilidades da capacidade simbólica.

Procedimento

Os dados desta pesquisa foram observados a partir da filmagem das crianças em interação com a terapeuta, na CAC. Cada díade, criança (C) e terapeuta (T), foi filmada separadamente. As filmagens das crianças autistas foram cumpridas em aproximadamente 5 sessões, no período de 2 meses. As

situações experimentais foram organizadas de maneira a não prejudicar a aplicação do método de intervenção ABA. A duração aproximada das situações de filmagem variava bastante de acordo com a disponibilidade da terapeuta e da criança que estavam em processo de terapia. As crianças típicas foram filmadas com a mesma terapeuta que interagiu com as crianças autistas para que o resultado da pesquisa pudesse ser mais confiável. Uma sessão de filmagem da Bia foi realizada na CAC e a outra na casa da sua madrinha, totalizando em duas sessões de filmagens, com duração aproximada de 30 minutos cada sessão. A Camila foi filmada em duas sessões, na sua própria residência, também com duração aproximada de 30 minutos cada sessão. Não foi viável a ida da Camila à clínica. No entanto, as situações e a terapeuta não variaram. A decisão de filmar o grupo de crianças autistas em interação com uma terapeuta e não em interação com um de seus pais se deveu ao fato de que estudos apontam para as dificuldades dos pais das crianças autistas em manter e estabelecer a conexão afetiva/ relações intersubjetivas com seus filhos. Além disso, os pais das crianças autistas parecem apresentar menos sorriso/ afeto como resposta ao sorriso/ afeto dos seus filhos. (Dawson e colaboradores, 1990; Trevarthen & Daniel, 2005).

Foram definidas três situações semi-estruturadas, 2 delas com duas cenas distintas, usadas para eliciar e observar as categorias de conexão afetiva entre a criança e a terapeuta. Estas situações de interação foram: **machucado**, **cantiga** e **brincadeira diádica**, com apenas uma cena.

Na situação de **machucado**, a terapeuta fingia se machucar ao brincar com um joguinho de martelar. Esta condição experimental foi inserida na pesquisa com o objetivo de observar como ocorre a comunicação afetiva entre adulto e criança nas interações triádicas (criança-objeto-terapeuta) e para investigar como as crianças respondiam à manifestação de emoções negativas do outro. De acordo com os estudos de Sigman e colaboradores (1992), as crianças com DT demonstram um interesse grande no outro quando ele se machuca. Algumas destas crianças, mesmo as bem novas, respondem afetiva e socialmente ao sentimento de dor do outro. Durante a situação de interação **cantiga**, a terapeuta estimulava a criança a cantar uma música previamente conhecida por ela. Esta situação incluiu cenas com movimentos motores das mãos como, por exemplo, bater palmas e outros gestos para observar como se manifestavam as categorias desta pesquisa nas relações diádicas e, cenas com instrumentos musicais com o

objetivo de observar se e como ocorriam as categorias nas relações triádicas (criança-objeto-terapeuta). A situação experimental **brincadeira diádica** foi inserida na pesquisa após a estruturação das outras situações e o início das filmagens. Entre a filmagem de uma situação e outra, uma cena e outra, a terapeuta começava a brincar espontaneamente com a criança de fazer cócegas ao mesmo tempo em que vocalizava “vou te pegar”. Foi observado que a brincadeira era agradável para a criança e que a partir daí a criança se interessava mais pela terapeuta. Portanto, esta situação foi especialmente incluída no estudo e acredita-se que ela possa contribuir para o desenvolvimento das capacidades afetivas e sociais nas crianças autistas. O roteiro de filmagem das cenas (Tabela 1) descreve as situações e as cenas que foram conduzidas para a observação da manifestação das categorias de conexão afetiva.

Tabela 1. Condições experimentais - Roteiro de filmagem das cenas para a observação das categorias de conexão afetiva.

1. Machucado

Situação: C e T sentados frente a frente. Brinquedo de martelar entre os dois. Cada um com o seu martelo. T chama a C pelo nome para dar início a brincadeira. T e C com seus respectivos martelinhos nas mãos. T, vocalizando e estimulando C, demonstra a ela como brincar: ela dá uma martelada numa peça de madeira que, impulsiona uma bolinha (conduzida por um fio metálico) até chegar ao lado oposto (lado da criança). Quando a bolinha chega à posição de início (lado de C), C deve proceder da mesma maneira que T fez, até que a bolinha chegue de volta para o lado oposto (lado da T) e, assim, a brincadeira acontece.

Cena Machucado 1 (M1): Durante a brincadeira, T posiciona sua mão perto de onde a ela vai bater com o martelinho. No momento em que T bate o martelinho no pedaço de madeira que conduz a bolinha ao lado oposto, ela finge se machucar acidentalmente. T solta o seu martelinho, finge que está chorando e diz para C que machucou a mão sem querer, mostrando a mão para C. Depois de alguns instantes, T diz que está tudo bem, sua mão não está mais machucada e continua a brincar.

Cena Machucado 2 (M2): Durante a brincadeira, T posiciona sua mão perto de onde C vai bater com o martelinho e, no momento em que C bate o martelinho no pedaço de madeira que conduz a bolinha ao lado oposto, T finge que C a machucou acidentalmente. T solta o seu martelinho, começa a fingir que está chorando e diz para C que machucou a mão, mostrando-a para C. Depois de alguns instantes, T diz que está tudo bem, sua mão não está mais machucada e continua a brincar.

3. Cantiga

Situação: C e T, um de frente para o outro, T chama C pelo seu nome. C olha para a face da T. T convida C a cantar “Parabéns pra você” ou qualquer outra música que atraia a atenção da C. T inicia a cantiga, batendo palmas ou gesticulando com as mãos. T continua cantando a música e pára de bater palmas. T espera a reação da C.

Cena Cantiga 3 (C3): T e C cantam juntas. T estimula, incentiva, ajuda C a bater palmas e a gesticular com as mãos e a cantar a música.

Cena Cantiga 4 (C4): T começa a cantar e a tocar com um instrumento musical. Ela incentiva C a cantarem juntas. Oferece o instrumento para C. Os dois cantam e tocam juntos.

4. Brincadeira diádica

Cena Brincadeira 5 (C5): C e T, um de frente para o outro, T fazendo cócegas na C e vocalizando “vou te pegar” ao mesmo tempo. Outras vocalizações espontâneas de T podem ocorrer durante a filmagem.

Os comportamentos dos participantes em resposta aos estímulos apresentados durante as diferentes situações foram analisados a partir das gravações das filmagens das sessões. Um esquema de categorização foi organizado para que fosse possível analisar os comportamentos. Os níveis de análise dos dados abrangeram Categorias Quantitativas Discretas e Categorias Diádicas de Relação e Afetiva.

As Categorias Quantitativas Discretas estão relacionadas à frequência dos comportamentos individuais manifestados pela criança em relação à terapeuta. Elas incluem 11 comportamentos que foram agrupados e definidos (Tabela 2) em 3 áreas distintas: **Comportamento Social**, **Comportamento Comunicativo Não-Verbal e Verbal** e **Comportamento Afetivo**.

Tabela 2 - Categorias Quantitativas Discretas:

Comportamento Social

- *Contato ocular* – C olha e prende o olhar para a face da T.
- *Sorriso social* – C sorri para a T enquanto esta brinca, canta, conversa com C, sorri para C, a toca.
- *Toque* – C aceita o toque da T ou faz contato físico com T.
- *Atenção ao interesse do outro* – C prende a sua atenção na T, mantendo o olhar enquanto esta manipula objetos/ brinquedos, canta e bate palmas.

Comportamento Comunicativo Não-Verbal e Verbal

- *Gesto apontar imperativo* – C aponta e/ ou tenta alcançar um objeto, vocalizando ou não.
- *Gesto apontar declarativo* – C aponta, olha alternadamente para T e para o objeto, podendo ou não sorrir e/ ou vocalizar.

- *Vocalizações* – vocalizações usadas por C como atos comunicativos sem que sejam acompanhadas por gestos.
- *Uso de palavras/ frases referenciais* – palavras e/ou frases usadas por C como atos comunicativos para fazer referência a um objeto/ ação.
- *Combinação do uso de gestos, vocalizações e contato ocular (G+V+CO)* – C combina o uso de gestos declarativos ou imperativos, vocalizações e contato ocular demonstrando alto nível de complexidade de comportamento comunicativo, compartilhando com T experiências em relação aos objetos/eventos.

Comportamento afetivo

- *Combinação de uma Expressão Emocional (EE) mais o Contato Ocular (CO)* – C combina uma expressão emocional (sorriso/ franzir sobrancelha) com o uso do contato ocular em direção à face da T como forma de comunicar/responder emoções em relação ao comportamento da T e/ ou à situação/ contexto.
- *Referenciação social* – C olha para T ou procura outro adulto diante uma situação nova e usa informações afetivas como a combinação do contato ocular, vocalizações e expressão emocional (sorriso/ franzir sobrancelha), assim C guia/ inicia seu comportamento diante o contexto.

O método utilizado para a análise de como ocorreu a conexão afetiva entre a C e a T foi a descrição do comportamento da unidade diádica. Esta descrição dos comportamentos seguiu um modelo bidirecional, no qual o comportamento de C interfere no comportamento de T e, vice-versa e, juntos C e T constituem uma unidade dual. Esta é a condição de análise das Categorias Diádicas de Relação e Afetiva. Para a análise destas categorias foi realizada a descrição qualitativa das cenas/contextos de interação. O tempo do segmento analisado foi definido de acordo com a duração da cena interativa. A interação ocorreu quando C e T participaram de uma ação recíproca para compartilhar protoconversa/objetos/eventos/situações, podendo ser diádica (C-T) ou triádica (C-objeto-T). O início da interação entre C e T caracterizou-se quando um dos parceiros dirigiu um comportamento social em relação ao outro e foi respondido por ele com outro comportamento social. O fim da interação caracterizou-se quando ambos os parceiros deixaram de dirigir comportamentos sociais um ao outro. A descrição qualitativa da relação diádica foi realizada a partir dos conceitos de **Regulação mútua** (Trevarthen, 2001; Trevarthen & Daniel, 2005) e a descrição qualitativa do afeto da díade foi feita a partir do conceito de **FORMA da Sintonia Afetiva** (Stern, 1992). Estes conceitos estão definidos na Tabela 3.

Tabela 3 – Categorias Diádicas de Relação e Afetiva**Categoria de Relação**

- **Regulação mútua (antecipação, reciprocidade, contingência)** – observar e descrever como a conexão intersubjetiva se caracteriza em relação a sua forma rítmica, sendo esta organizada por regulação mútua entre C e T, que manifestam atenção recíproca, antecipação à ação do outro, troca e contingência de estímulos emocionais e de expressões de satisfação e/ou irritação diante o contexto.

Categoria Afetiva

- **FORMA da Sintonia Afetiva** – observar e descrever os aspectos qualitativos da experiência sócio-afetiva entre C e T, estando eles intersubjetivamente conectados compartilhando algum objeto ou evento/contexto. Isto significa descrever a **forma** como os comportamentos da díade se caracterizam; como é a **resposta afetiva** de um sujeito em relação ao comportamento do outro e vice-versa.

Para a realização da análise dos dados, foram selecionadas duas cenas da situação machucado (M1 e M2), duas cenas da situação cantiga (C3 e C4) e uma cena da situação Brincadeira diádica (B5). Para cada criança, foram escolhidas um total de cinco cenas nas quais os comportamentos puderam ser melhor observados. Sendo o número de participantes (P) desta pesquisa igual a quatro (P=4), o total de cenas analisadas é igual a vinte (C=20). A análise dos dados foi realizada pela própria pesquisadora que também filmou todas as cenas.

A análise quantitativa se refere à frequência dos comportamentos das Categorias Discretas. Esta frequência foi codificada e registrada em uma tabela desenvolvida especificamente para o registro de frequências das categorias discretas quantitativas (Tabela 4, resultado das crianças com TEA e, Tabela 5, resultado das crianças com DT).

Para a análise qualitativa foi criada uma folha de registro descritiva. Neste registro, foi feita a descrição qualitativa de como ocorreram os comportamentos entre C e T, referentes às Categorias Diádicas de Relação e Afetiva. Cada díade teve uma folha de registro distinta. Esta descrição foi realizada a partir dos conceitos de **Regulação mútua** e **Forma da Sintonia Afetiva**.

Resultados e Discussão

Análise quantitativa

As categorias discretas quantitativas foram escolhidas para revelar a frequência dos comportamentos sociais, dos comportamentos comunicativos não-verbais e verbais e dos comportamentos afetivos manifestados pelo grupo de crianças autistas bem como pelo grupo de crianças com desenvolvimento típico que participaram desta pesquisa, durante as cinco cenas interativas. Os dados referentes à frequência destes comportamentos manifestados pelas crianças com TEA são apresentados na Tabela 4. A Tabela 5 mostra os resultados da frequência dos mesmos comportamentos apresentados pelas crianças com desenvolvimento típico. Os resultados revelam o número de vezes que cada uma destas crianças apresentou as categorias referentes aos comportamentos sociais (contato ocular, sorriso social, toque e atenção ao interesse do outro), aos comportamentos não-verbais e verbais (gesto apontar imperativo, gesto apontar declarativo, vocalizações, uso de palavras/frases referenciais, combinação de gestos, vocalizações e contato ocular) e aos comportamentos afetivos (combinação da expressão emocional mais contato ocular e referenciação social) durante a interação com a terapeuta (T), em cada uma das cinco cenas e o total da frequência destas categorias em todas as cenas.

Tabela 4. Frequência das Categorias Discretas Quantitativas: crianças com TEA nas 5 cenas.

Categorias	Participantes	Antônio (2,8 meses)						Francisco(2,2 meses)					
	Cenas	M1	M2	C3	C4	B5	Total	M1	M2	C3	C4	B5	Total
Comportamento Social													
Contato Ocular		2	0	11	5	9	27	2	4	12	2	5	25
Sorriso Social		0	0	3	0	7	10	0	0	3	3	1	7
Toque		15	5	18	12	34	84	9	5	13	2	5	34
Atenção ao interesse do outro		0	0	6	3	5	14	0	0	2	2	1	5
Comp. Comun. Não-verbal e Verbal													
Gesto Apontar Imperativo		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Gesto Apontar Declarativo		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
Vocalizações		1	4	3	4	0	12	5	20	8	3	3	39
Uso de Palavras/Frases Referenciais		0	0	0	0	0	0	7	4	15	2	24	52
Combinação G + V + CO ⁴		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Comportamento Afetivo													
Combinação EE ⁵ + CO		1	0	5	0	6	12	0	1	3	1	0	5
Referenciação Social		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Comportamentos sociais

Ao analisar a frequência total dos comportamentos sociais revelados entre os grupos das crianças TEA e o grupo das crianças DT, verificou-se que as crianças autistas manifestaram menos comportamentos sociais do que as crianças típicas, com exceção para a frequência da categoria toque. Este resultado pode representar o déficit que as crianças autistas têm em dirigir o olhar e a atenção aos estímulos sociais, revelando maior atenção aos objetos. Quando comparadas com as crianças típicas, as crianças autistas demonstraram interação social pobre caracterizada por dificuldades em fazer contato ocular e pouca modulação emocional assinalada pela baixa frequência de sorrisos e/ou expressões faciais. A alta frequência na categoria toque revelada pelas crianças com TEA pode ser justificada pela dificuldade e/ou baixa função motora destas crianças e pela falta

⁴ G (Gesto); V (Vocalização); CO (Contato Ocular)

⁵ EE (Expressão Emocional)

de ajustamento postural. Elas necessitaram da ajuda de T para manipular os objetos que faziam parte das cenas de filmagem, para bater palmas e para se ajustarem, além de tocarem T como forma de solicitar ajuda.

A frequência dos comportamentos sociais manifestados pelo grupo das crianças autistas revela que em relação à categoria contato ocular, Antônio (An) apresentou um total de vinte e sete comportamentos de contato ocular com T. Este comportamento foi mais freqüente nas cenas C3 e B5. Em C3, An estabeleceu onze vezes o contato ocular com T e em B5 este comportamento apareceu por nove vezes. Francisco (F) apresentou um total de vinte e cinco comportamentos de contato ocular com a T. Também para F, este comportamento foi mais freqüente nas cenas C3 e B5. Em C3, F estabeleceu doze vezes o contato ocular com T e em B5 o total deste comportamento foi igual a cinco.

A equivalência do maior número de freqüências de contato ocular de ambos os participantes com TEA, especificamente nas cenas C3 e B5, pode sugerir o interesse maior destas crianças em situações nas quais a relação entre C e T não é mediada por um objeto. As cenas C3 e B5 são caracterizadas por interações diádicas onde C e T, supostamente, compartilham o olhar para demonstrar regulação dos estados afetivos em relação às experiências dos parceiros no contexto de interação social. As cenas M1, M2 e C4 são caracterizadas por interações triádicas nas quais C e T compartilhariam o olhar demonstrando interesse e atenção conjunta em relação a um objeto. Em M1 e M2, An apresentou, respectivamente, duas vezes e nenhuma vez o contato ocular com T. Em C4, An apresentou cinco vezes este comportamento. F, apresentou duas vezes o contato ocular com T em M1, quatro vezes em M2 e duas vezes em C4.

Em relação à categoria sorriso social, An apresentou um total de dez vezes este comportamento. A maior freqüência de sorrisos sociais de An surgiu na cena B5, correspondendo a um total igual a sete. Os outros três sorrisos apareceram na cena C3. Em C4 An não sorriu nenhuma vez. F apresentou um total de sete comportamentos de sorriso social durante as cenas. Tanto em C3 quanto em C4 F sorriu três vezes e em B5 apresentou uma vez este comportamento. Tanto An quanto F não manifestaram nenhum comportamento de sorriso social nas cenas M1 e M2. Este dado sugere a dificuldade destas crianças em manifestar afetos

positivos durante as cenas de atenção conjunta, embora F tenha revelado o sorriso por três vezes durante C4.

Nota-se que as cenas M1 e M2 foram introduzidas neste estudo para verificar a identificação afetiva das crianças em relação à atitude de desconforto/machucado manifestada por T. As crianças típicas revelaram afetos positivos (sorrisos) durante a brincadeira e, quando T fingia se machucar elas revelaram afetos negativos (franzir a sobancelha). Ao contrário, as crianças autistas revelaram somente afetos negativos e, mesmo assim, somente uma vez.

Embora as crianças com TEA tenham apresentado uma alta frequência no comportamento toque, este dado não significa um resultado de maior comportamento social ou de maior aceitação de contato físico para estas crianças. Durante as cenas M1, M2, C3, C4 T tocava as crianças fisicamente para estimulá-las a bater palmas, ajudá-las a segurar os objetos como, por exemplo, o martelinho e os instrumentos musicais. Na cena B5, a intenção de T era de brincar de tocar as bochechas de C, fazer cócegas em C para observar se este tipo de interação era prazeroso ou não para a criança. An apresentou um total de oitenta e quatro vezes na categoria toque. A maior frequência de toques para An ocorreu em B5, totalizando um resultado igual a 34. Em C3 o toque ocorreu por dezoito vezes, quinze vezes em M1, doze toques em C4 e cinco vezes em M2. Em B5, An tocava T como forma de solicitar o toque de T em suas bochechas. An não só aceitou o toque de T como pediu pelo toque e retribuiu este comportamento tocando também nas bochechas de T. Este comportamento pode sugerir que An parece ter sentido prazer em ser estimulado pelo toque/cócegas em suas bochechas. Em C3 An tocou T como forma de solicitar ajuda para fazer mímicas referentes às letras da cantiga “cai cai balão”. O mesmo ocorreu em C3 para F que revelou total treze toques nesta cena. A frequência total de F para o comportamento de toque foi igual a trinta e quatro. Em M1 o toque apareceu por nove vezes, em M2 e B5 por cinco vezes e em C4 por duas vezes. Para F, o toque em B5 não teve o mesmo significado que teve para An. F não aceitava o toque como uma estimulação física prazerosa como foi aceito por An. No entanto, F abraçou T, deu beijo em T e passou a mão no cabelo de T, revelando comportamento social.

Tabela 5. Frequência das Categorias Discretas Quantitativas: crianças com DT nas 5 cenas

Categorias	Participant	Bia (1,9 meses)						Camila (1,6 meses)					
	Cenas	M1	M2	C3	C4	B5	Total	M1	M2	C3	C4	B5	Total
Comportamento Social													
Contato Ocular		30	20	20	10	24	104	12	27	13	33	16	101
Sorriso Social		8	10	6	6	7	37	2	4	3	17	8	34
Toque		2	4	2	0	5	13	0	0	0	0	9	9
Atenção ao interesse do outro		5	8	8	4	9	34	4	5	5	9	10	33
Comp. Comun. Não-verbal e Verbal													
Gesto Apontar Imperativo		0	2	0	0	0	2	0	2	0	1	0	3
Gesto Apontar Declarativo		0	0	2	0	0	2	0	4	0	0	3	7
Vocalizações		5	6	7	11	10	39	1	6	0	4	7	18
Uso de Palavras/Frases Referenciais		9	12	11	2	3	37	3	5	0	1	10	19
Combinação G + V + CO		0	1	2	0	0	3	0	5	0	1	2	8
Comportamento Afetivo													
Combinação EE + CO		10	8	6	4	7	35	5	9	4	17	9	44
Referenciação Social		4	2	1	2	4	13	0	1	0	5	3	9

Em relação à categoria atenção ao interesse do outro, An revelou um total de quatorze comportamentos nas cinco cenas enquanto F mostrou um total igual a cinco. Para An, a maior frequência de atenção ao interesse de T ocorreu em C3 com escore igual a seis, em seguida em B5 totalizando cinco comportamentos de atenção e, em C4 um total igual a três. Nas cenas M1 e M2 An não apresentou nenhum comportamento de atenção ao interesse de T. F apresentou maior frequência nas cenas C3 e C4 revelando dois comportamentos de atenção em cada uma das cenas. Em B5, F apresentou um comportamento de atenção ao interesse de T. Em M1 e M2, F não revelou nenhuma atenção ao interesse do outro. Os resultados equivalentes de An e F nas cenas M1 e M2 sugerem a dificuldade destas crianças com TEA em participar das cenas de atenção conjunta nas quais a criança deveria compartilhar a atenção com T em relação a um objeto ou evento.

A frequência dos comportamentos sociais apresentados pelas crianças com desenvolvimento típico revela que em relação à categoria contato ocular, Bia (B) apresentou um total de cento e quatro comportamentos de contato ocular com T.

A maior frequência deste comportamento apareceu em M1 com total igual a trinta, em B5 um total igual a vinte e quatro, em M2 e C3 B apresentou vinte vezes o contato ocular com a T e em C4 apresentou o contato ocular dez vezes. Camila (Ca) apresentou um total de cento e um comportamentos de contato ocular, sendo este resultado bastante próximo ao total de comportamentos desta categoria revelado por B. No entanto, a maior frequência de contato ocular apresentado por Ca foi em C4, totalizando um número de trinta e três comportamentos. Em M2 o total de contato ocular com T foi igual a vinte e sete, em B5 um total igual a dezesseis, em C3 treze comportamentos e em M1 Ca fez contato ocular por doze vezes com T.

Em relação à frequência da categoria sorriso social, B e Ca apresentaram um resultado total deste comportamento muito próximo. B revelou um total de trinta e sete sorrisos enquanto Ca revelou um total igual a trinta e quatro. Em M2, B apresentou dez vezes o sorriso social, em M1 o total foi igual a oito, em B5 o número de sorrisos foi igual a sete e, tanto em C3 quanto em C4, B sorriu seis vezes. Ca revelou maior frequência de sorrisos em C4, totalizando em dezessete vezes o número deste comportamento. Em B5 o total foi igual a oito, em M2 Ca sorriu quatro vezes, em C3 três vezes e em M1 o total foi igual a dois.

A categoria toque revelou um número menor de frequência entre as crianças com DT quando comparadas à frequência revelada pelas crianças com TEA. Enquanto B revelou o total de número de contatos físicos com T igual a treze, Ca revelou um total igual a nove. Tanto para B quanto para Ca a maior frequência do toque ocorreu na cena B5. Nesta cena, B apresentou um total de toques igual a cinco e Ca um total igual a nove. Ca não revelou contato físico com T nenhuma vez nas outras quatro cenas.

A frequência da categoria atenção ao interesse do outro revelou que tanto B quanto Ca apresentaram maiores escores na cena B5. O total de vezes que B apresentou atenção ao interesse de T nesta cena foi igual a nove enquanto que Ca apresentou um total igual a dez. B apresentou oito vezes o comportamento de atenção à T tanto na cena M2 quanto na cena C3. Em M1 o total deste comportamento foi igual a cinco e em C4 o total foi igual a quatro. Ca revelou atenção ao interesse de T nove vezes em C4, cinco vezes tanto em M2 quanto em C3 e quatro vezes em M1.

Comparando-se a frequência total dos comportamentos sociais revelados entre o grupo das crianças autistas e o grupo das crianças com DT, incluindo todas as categorias de análise exceto para o toque, verifica-se que o grupo das crianças com DT revela maior frequência de comportamentos sociais do que o grupo das crianças com TEA. As crianças com TEA, em todas as cenas, direcionaram menos o olhar à T e, quando o fizeram foi rapidamente. Já as crianças com DT olharam mais para a face de T, mantendo o contato ocular por mais tempo. Ao se comparar a frequência da categoria de atenção ao interesse do outro entre os dois grupos, verifica-se que as crianças com DT dirigem mais a sua atenção à atenção do outro do que o grupo das crianças autistas. Ao se somar esta dificuldade à dificuldade em fazer contato ocular e mantê-lo à face de T reveladas pelas crianças autistas, verifica-se a preferência destas crianças em dirigir a atenção à estímulos não-sociais. As crianças autistas mantêm o olhar vago e/ou olham mais para os objetos enquanto que as crianças com DT coordenam mais o olhar entre T e os objetos e eventos. Em relação à expressão do sorriso social, o estudo revelou que as crianças autistas sorriem com menor frequência do que as crianças com DT. Verificou-se que as expressões faciais das crianças autistas eram ou esvaziadas de afetos positivos, neutras sem manifestar nenhum conteúdo expressivo, ou rígidas mantidas pelo franzir das sobrancelhas. As diferenças de frequência nos comportamentos entre os dois grupos podem sugerir a dificuldade que as crianças autistas têm em compartilhar o olhar, o sorriso, a atenção e o interesse com T tanto nas cenas que envolvem relações diádicas (C3 e B5) quanto nas cenas em que se espera que a criança participe de relações triádicas (M1, M2, C4). A partir desta análise, pode-se compreender a dificuldade das crianças autistas em participar de cenas de atenção conjunta quando comparadas às crianças com DT. Este resultado sugere que as crianças autistas parecem se engajar menos nas interações interpessoais, além de demonstrarem menos suas reações emocionais diante às atitudes emocionais de T em relação aos objetos e eventos.

Ambas as crianças autistas revelaram maiores escores de comportamentos sociais nas cenas C3 e B5, sem levar em consideração a categoria toque. Ao fazer a soma dos comportamentos sociais em C3 manifestados por An, sem incluir o toque, o total é igual a vinte e, em B5 o total é igual a vinte e um. Para F, o total

em C3 é igual a dezessete e em B5 o total de comportamentos sociais é igual a sete. Estas duas cenas não envolvem o compartilhar da atenção entre C e T por um objeto. São cenas de interação diádica nas quais C e T supostamente compartilham a atenção entre si. Observa-se que o maior número de contato ocular que An dirigiu à T foi em C3, além de ter revelado maior atenção ao interesse de T na mesma cena. Em seguida, estes mesmos comportamentos surgiram com maior frequência em B5 quando comparado com as cenas restantes, além de An ter revelado o maior número de sorrisos em B5. Embora F tenha revelado menos o sorriso, o contato ocular e a atenção ao interesse de T, F apresentou mais comportamentos sociais em M2 quando comparado a An. Em C4, F apresentou sorriso enquanto An não revelou este comportamento nesta cena. Mesmo F tendo revelado o segundo maior escore de comportamentos sociais em B5, não se pode afirmar que a brincadeira teve o mesmo significado que teve para An. Mesmo porque em C4, F apresentou o mesmo total de comportamentos sociais que em B5 além de maior escore para atenção ao interesse de T quando comparado com o escore da cena B5. Importante salientar que a cena B5 foi incluída na pesquisa porque durante as filmagens percebeu-se que An sentia prazer quando T iniciava a brincadeira diádica. O estudo mostrou que em M2, F apresentou maior contato ocular com T do que An. Nesta cena, F demonstrou preocupação em relação ao choro de T quando ela fingiu que estava com o dedo machucado. F olhou para T, ajustou sua postura na cadeira, tremeu o seu corpo, pegou o martelinho na tentativa de entregá-lo a T, vocalizou e continuou a brincar enquanto T fingia chorar. As reações de An foram bastante diferentes e não se pode afirmar que An tenha demonstrado preocupação em relação à T. An não olhou para a face de T, embora tenha demonstrado irritação dando gritos e choramingando. Este comportamento pode demonstrar a dificuldade de An em se expressar emocionalmente diante a atitude emocional do outro, ou irritação por não querer brincar, ou desconforto com o choro do outro devido a possíveis dificuldades sensoriais. Embora as crianças autistas tenham revelado diferenças significativas na frequência total dos comportamentos sociais quando comparadas com as crianças com DT, não se pode afirmar que as crianças com TEA manifestam dificuldades semelhantes entre si. Da mesma maneira que as crianças típicas demonstram interesses diferentes em cada cena, o mesmo pode

ocorrer entre as crianças autistas. Intrigante é considerar que An revelou maiores escores de comportamentos sociais do que F sendo que F foi encaminhado mais precocemente ao programa de intervenção e com idade menos avançada do que quando An foi encaminhado à clínica. Deve-se considerar que An é seis meses mais velho do que F. Além da diferença na idade, importante salientar as diferentes manifestações do autismo. Uma criança autista não apresenta o mesmo padrão de desenvolvimento do que outra criança com autismo.

As crianças com DT não revelaram tantas diferenças no total de escores para os comportamentos sociais. Ao comparar o total de comportamentos sociais revelados pelas crianças típicas em cada uma das cenas, verifica-se que B mostrou maior total de comportamentos sociais nas cenas M1 e B5 enquanto Ca revelou mais comportamentos sociais em C4 e M2. No entanto, estas diferenças parecem demonstrar que cada uma das crianças típicas tinha um interesse particular nas cenas. O estudo mostrou que as crianças típicas demonstraram maior interesse nas cenas que envolviam a atenção conjunta com T em relação a um evento ou objeto do que em cenas de interação diádica. Por exemplo, tanto B quanto Ca não aceitaram a cena B5 da mesma maneira que foi aceita por uma das crianças autistas (An). Entre as crianças típicas, a cena B5 foi estimulada por T a partir de um contexto de interação triádica e, mesmo assim, as crianças preferiram voltar a atividade anterior.

Comportamento comunicativo não-verbal e verbal

Ao comparar a frequência total dos comportamentos comunicativos manifestados entre o grupo das crianças autistas e o grupo das crianças típicas, observar-se os déficits revelados pelas crianças autistas tanto no uso dos comportamentos não-verbais quanto no uso dos verbais. Este dado sugere que as crianças autistas se comunicam menos com a intenção de compartilhar seus interesses/sentimentos com os outros em relação a uma situação ou objeto quando comparadas com as crianças típicas. Embora F tenha mostrado maior escore para as categorias vocalização e uso de palavras/frases referenciais do que ambas as crianças DT, este resultado não significa que F não tenha apresentado prejuízos comunicativos. F usou mais vezes o padrão da fala ecológica do que um discurso apropriado ao contexto.

A frequência dos comportamentos comunicativos não-verbais e verbais do grupo das crianças autistas revela que tanto An quanto F não manifestaram nenhum comportamento relacionado à categoria gesto apontar imperativo em nenhuma das cinco cenas.

Em relação à categoria gesto apontar declarativo, An também não revelou nenhum comportamento em nenhuma das cenas. F revelou um total de dois comportamentos de apontar declarativo durante a cena B5. F aponta a primeira vez para mostrar a água, T não percebe o comportamento de F e continua a brincadeira. No entanto, F insiste em mostrar a água, aponta novamente ao mesmo tempo em que vocaliza “água”. F revelou outras duas vezes o comportamento de apontar declarativo em situações que não foram analisadas.

Em relação à categoria vocalizações, An apresentou um total de doze comportamentos de vocalizar, sendo que a maior frequência deste comportamento se manifestou nas cenas M2 e C4 com um total de quatro vocalizações em cada uma destas cenas. As vocalizações manifestadas por An se caracterizaram por vogais prolongadas. Além destas vocalizações, An manifestou em M1, M2 e C3, gritos, choringos e sons desestruturados, podendo sugerir a dificuldade comunicativa de An. F revelou um total de trinta e nove vocalizações, as quais surgiram com maior frequência nas cenas M2 com total igual a vinte e, em C3 com total igual a oito. As vocalizações de F se caracterizaram por onomatopéias, vogais prolongadas e sílabas formadas por vogais como por exemplo, “ia”.

Enquanto F revelou um escore total para a categoria uso de palavras/frases referenciais igual a cinquenta e dois, An não revelou nenhum comportamento referente a esta categoria. Durante a cena B5, F fez uso de palavras/frases referenciais com a frequência igual a vinte e quatro e em C3 com escore total igual a quinze. Embora F tenha revelado maior escore para a categoria uso de palavras/frases quando comparado com o escore revelado tanto por Ca quanto por B, este resultado não pode sugerir que F tenha apresentado maior capacidade de simbolização do que as crianças DT analisadas neste estudo. A maioria das palavras e frases proferidas por F caracterizaram-se por comportamentos de fala ecológica. F repetia palavras e frases ditas por T, além de pronunciar palavras soltas e fora do contexto.

Em relação à categoria combinação de gestos, vocalizações e contato ocular, o grupo das crianças autistas não revelou nenhuma frequência para esta categoria. Mesmo F tendo revelado um escore maior para a categoria uso de palavras/frases quando comparado com o grupo das crianças típicas, o escore zero na categoria combinação de G + V + CO revela o prejuízo desta criança em coordenar comportamentos sócio-comunicativos. Este resultado pode sugerir a dificuldade das crianças com TEA em manifestar um nível complexo de comportamentos comunicativos.

A frequência dos comportamentos comunicativos apresentados pelas crianças com DT revela que em relação à categoria gesto apontar imperativo, B revelou um total de dois comportamentos de apontar imperativo enquanto que Ca revelou um total igual a três. A maior frequência deste comportamento tanto para B quanto para Ca foi em M2, com total igual a dois.

Em relação ao comportamento de apontar declarativo, B apresentou um total igual a dois, sendo este comportamento manifestado na cena C3. Ca revelou um total de sete comportamentos de apontar declarativo, sendo que a maior frequência deste comportamento surgiu na cena M2 e em seguida na cena B5.

Enquanto B revelou um total de trinta e nove comportamentos relacionados à categoria vocalizações, Ca revelou um total igual a dezoito para esta categoria. Sendo que a maior frequência de comportamentos de vocalização revelada por B surgiu nas cenas C4 e B5 e, para Ca a maior frequência surgiu nas cenas B5 e em seguida em M2.

No que se refere à categoria uso de palavras/frases referenciais, novamente B revelou escore total maior do que Ca para este comportamento. Enquanto B mostrou frequência total igual a trinta e sete, sendo que o maior escore deste comportamento surgiu nas cenas M2 e C3, Ca revelou escore total do uso de palavras/frases igual a dezenove, mostrando frequência maior deste comportamento em B5 e em seguida em M2.

Embora B tenha revelado escore total maior que Ca para as categorias vocalizações e uso de palavras/frases, Ca revelou maior escore na categoria que se refere à combinação do uso de gestos, vocalizações e contato ocular. O total de escore revelado por Ca para esta categoria foi igual a oito, sendo que a maior frequência deste comportamento surgiu em M2. B revelou um total de três

combinações G + V + CO, sendo o maior escore deste comportamento na cena C3.

Quando se compara a frequência dos escores totais dos comportamentos comunicativos não-verbais e verbais manifestados entre o grupo das crianças com TEA e o grupo das crianças com DT, incluindo todas as categorias de análise, verifica-se que, embora F tenha revelado um total de noventa e três comportamentos comunicativos, sendo este resultado maior do que a soma dos comportamentos comunicativos manifestados por cada uma das crianças com DT, o grupo de crianças com DT manifestou maior número de comportamentos comunicativos não-verbais do que o grupo de crianças autistas. Enquanto B revelou dois comportamentos não-verbais de apontar imperativo e dois de apontar declarativo, Ca revelou dentre os comportamentos não-verbais, um total de três gestos de apontar imperativo e sete de apontar declarativo. Nenhuma das crianças autistas manifestou o comportamento comunicativo não-verbal de apontar imperativo, além de An não ter mostrado nenhum comportamento de apontar declarativo em nenhuma das cenas. F mostrou dois comportamentos declarativos na cena B5, além de ter manifestado por outras duas vezes este comportamento em cenas que não foram analisadas neste estudo. Esta diferença de escores nos comportamentos comunicativos não-verbais entre os dois grupos de crianças analisadas nesta pesquisa pode sugerir a dificuldade revelada pelas crianças autistas em fazer uso dos gestos comunicativos quando comparadas com as crianças com DT. Embora as cenas selecionadas para realizar este estudo não tenham sido estruturadas para eliciar os comportamentos de apontar, verifica-se que estes comportamentos surgiram espontaneamente com maior frequência entre as crianças com DT do que entre o grupo de crianças autistas. Além disso, esta pesquisa mostrou que embora as crianças com DT tenham revelado escores baixos em relação à frequência destes comportamentos nas cenas analisadas, elas apresentaram mais vezes os gestos de apontar imperativo e de apontar declarativo em situações que não foram analisadas, quando comparadas com a manifestação destes comportamentos para as crianças com TEA nas situações fora de análise. Além de as crianças autistas apontarem menos do que as crianças com DT com a intenção de pedir objetos, solicitar ações e dirigir a atenção de T ao seu foco de interesse, o estudo revelou que as crianças típicas mostram mais os objetos e

eventos à T do que as crianças com TEA. Além disso, as crianças típicas iniciam mais a comunicação através dos gestos para compartilhar a atenção com T do que as crianças com TEA. A dificuldade em coordenar o uso dos gestos com vocalizações e mais o contato ocular revelada pelo grupo das crianças autistas revela a diferença existente entre estas crianças e as crianças típicas no que se refere à complexidade na capacidade sócio-comunicativa. As crianças autistas não demonstraram a habilidade em alternar o olhar entre o objeto, terapeuta e, novamente ao objeto, apontar para o objeto e vocalizar como foi realizado pelo grupo das crianças típicas. Os resultados totais revelados pelo grupo das crianças autistas nas categorias referentes aos comportamentos comunicativos sugerem um déficit destas crianças nas habilidades da capacidade de atenção conjunta e na capacidade simbólica. Outra diferença significativa revelada entre o grupo das crianças típicas e o grupo das autistas que participaram desta pesquisa é que as crianças com DT apresentaram a habilidade de imitar e a capacidade simbólica de brincar de faz-de-conta enquanto que as crianças autistas não apresentaram estas capacidades. Mesmo que as cenas de filmagem não tenham sido estruturadas para eliciar estes comportamentos, eles surgiram espontaneamente no desenvolvimento de ambas as crianças típicas.

Este estudo mostrou que existem diferenças significativas entre os escores totais dos comportamentos comunicativos revelados pelas crianças autistas. An demonstrou frequência de comportamento comunicativo somente para a categoria vocalização, sendo que este escore é significativamente menor quando comparado com o escore total para a mesma categoria revelado por F. Enquanto F revelou escores para as categorias gesto declarativo e uso de palavras/frases referenciais, An não revelou nenhum escore para estas categorias. Este resultado sugere a dificuldade de An em manifestar comportamentos pré-simbólicos (gestos) e comportamentos simbólicos (palavras/ frases referenciais) quando comparado com F. F revelou comportamentos pré-simbólicos (gesto declarativo) e, apesar de ter apresentado o padrão de fala ecológica na maioria das vezes em que fez uso de palavras e frases, a capacidade simbólica parece estar presente no seu desenvolvimento, uma vez que F se comunicou através de onomatopéias, palavras e frases em diferentes contextos. No entanto, F demonstrou apresentar um prejuízo pragmático da linguagem por fazer uso de palavras e frases fora de um

contexto social apropriado. As diferenças nos comportamentos comunicativos não-verbais e verbais apresentadas entre as crianças autistas podem estar relacionadas à heterogeneidade que existe entre os casos de autismo. Outra hipótese seria o fato de que F recebeu o diagnóstico para risco de autismo mais precocemente que An, sendo encaminhado à intervenção com idade menos avançada. Além disso, quando esta pesquisa foi realizada, F se encontrava em processo terapêutico por dez meses enquanto que An estava somente há um mês em intervenção clínica.

Entre o grupo das crianças típicas, observa-se que Ca apresentou maior frequência de comportamentos comunicativos não-verbais/ pré-simbólicos do que B. Enquanto Ca revelou um total de dez gestos de apontar B revelou um escore total para as categorias de gesto (imperativo e declarativo) igual a quatro. No entanto, B revelou maior escore de comportamentos comunicativos verbais, sendo este resultado revelado nas categorias vocalização e uso de palavras/frases referenciais, quando comparada com o escore revelado por Ca. Além disto, Ca revelou escore maior para a categoria combinação de G + V + CO, demonstrando maior capacidade de coordenar estes comportamentos sócio-comunicativos do que B. Estes dados parecem sugerir que Ca se comunica mais através de comportamentos pré-simbólicos (gestos) enquanto B se comunica mais através de comportamentos simbólicos (uso de palavras/frases). No entanto, não se pode afirmar que exista uma dificuldade manifestada por Ca em usar palavras/frases uma vez que esta criança manifestou estes comportamentos apropriadamente nos contextos de interação com T. B parece não apresentar déficits nos comportamentos pré-simbólicos. Pode ser que estas diferenças ocorram devido à B ter alguns meses de idade a mais do que Ca e, portanto, estas crianças apresentariam estas diferenças sutis no desenvolvimento. Ambas as crianças típicas demonstraram habilidades da capacidade de atenção conjunta e capacidades simbólicas comuns à faixa etária a qual se encontram.

Comportamento afetivo

A análise da frequência dos comportamentos afetivos revelados entre os dois grupos de crianças desta pesquisa mostra que as crianças autistas se expressam emocionalmente com menor frequência do que as crianças típicas.

Quando as crianças autistas se expressam afetivamente este comportamento ocorre de uma maneira distinta. Além disto, elas não apresentaram o comportamento de referenciação social podendo sugerir uma dificuldade nas relações interpessoais. A baixa frequência de combinação de EE + CO somada à ausência de referenciação social reveladas pelas crianças com TEA, pode indicar o déficit destas crianças na regulação do contato interpessoal com o outro.

A frequência dos comportamentos afetivos manifestados pelo grupo das crianças autistas revela que em relação à categoria combinação da expressão emocional (sorriso/ franzir a sobrancelha) mais o uso do contato ocular, An apresentou maior escore para esta categoria do que F. An revelou maior frequência deste comportamento nas cenas B5 e C3. Observa-se que a maior frequência da combinação de EE + CO revelada por An ocorreu nas cenas em que An manifestou maior frequência para as categorias contato ocular, sorriso social e atenção ao interesse do outro, referentes aos comportamentos sociais. F revela maior frequência de combinação de EE + CO na cena C3. Nesta mesma cena, F também revelou maior frequência de contato ocular dirigido à T e maior frequência de sorriso social. Este resultado parece sugerir que as crianças autistas demonstraram maiores escores para esta categoria afetiva nas cenas relacionadas à interação diádica do que nas cenas de interação triádica. Embora F tenha revelado escore de comportamento afetivo em M2 e C4, a maior frequência para esta categoria ocorreu em C3.

Deve-se lembrar que as cenas M1 e M2 foram incluídas na pesquisa para avaliar as expressões emocionais das crianças diante uma situação específica de desconforto/machucado de T. Tanto An quanto F combinaram por uma única vez o olhar mais expressão emocional negativa (franzir a sobrancelha) nestas duas cenas. A única diferença entre estas crianças foi que An revelou este escore na cena M1 e F na cena M2. Este resultado sugere a dificuldade das crianças autistas em se identificarem afetivamente com as outras pessoas em situações mais específicas de expressão emocional de desconforto e dor. Embora F tenha revelado bastante desconforto no momento em que T finge o machucado em M2, ele reagiu menos diante a expressão emocional de T do que as crianças típicas.

Em relação à categoria referenciação social, nenhuma das crianças autistas revelou escore neste comportamento em nenhuma das cenas. As frequências para

a categoria combinação de expressão emocional mais o contato ocular reveladas tanto por An quanto por F podem ser consideradas como uma tentativa destas crianças em compartilhar suas experiências com T, durante as cenas de comunicação não-verbal. A combinação da EE + CO reveladas por An e por F não foram classificadas como referência social uma vez que estas crianças não usaram a informação afetiva manifestada por T para guiarem seus próprios comportamentos diante as situações.

A frequência dos comportamentos afetivos manifestados pelo grupo das crianças típicas revela que em relação à categoria combinação EE + CO, Ca apresentou escore maior que B. B revelou escore total maior nas cenas M1, M2 e B5, sendo as mesmas cenas nas quais B mostrou maior número de contato ocular, sorriso social e atenção ao interesse de T. Ca revelou maior escore para a categoria combinação de EE + CO nas cenas C4, M2 e B5 encontrando equivalência nas mesmas cenas para maior escore de contato ocular, sorriso social e atenção ao interesse de T. Enquanto Ca manifestou por quatro vezes a combinação da expressão emocional negativa mais o contato ocular em direção à T, na cena M1, B manifestou por três vezes a EE negativa (desconforto/franzir sobrancelha) + CO em direção à T, na cena M2. Os outros comportamentos de EE + CO revelados por Ca nas outras cenas expressaram afetos positivos (sorrisos). No entanto, B revela EE negativa (desconforto) + CO por outras duas vezes na cena B5 e as outras combinações revelaram expressão emocional de afetos positivos.

Em relação à categoria referência social, B revelou maior frequência para esta categoria do que Ca. Nas cenas M1 e B5, B revelou escore total igual a quatro. Enquanto Ca revelou maior escore nas cenas C4, com total igual a cinco e, em B5 com total igual a três. Ca não revela nenhum escore para a categoria referência social nem em M1 nem em C3. Importante lembrar que em todas as cenas, as crianças típicas participaram de interações triádicas com a terapeuta. Os comportamentos de referência social surgiram sempre nas situações nas quais as crianças compartilhavam sua atenção/interesse/sentimento com a T em relação a um objeto ou evento. A referência social não surgiu durante as cenas de interações diádicas, até porque as crianças típicas não demonstraram interesse em participar das brincadeiras diádicas quando estas eram iniciadas por T.

Ao comparar a frequência total dos comportamentos afetivos revelados entre os dois grupos de crianças que participaram desta pesquisa, verifica-se que o grupo das crianças típicas revelou maiores escores para os comportamentos afetivos quando comparados com o grupo de crianças com TEA. As crianças típicas combinam mais a expressão emocional com o contato ocular do que as crianças autistas. Este resultado sugere que as crianças com DT compartilham mais suas experiências afetivas com os outros do que as crianças com TEA, principalmente nas cenas de atenção conjunta. As crianças com TEA parecem compartilhar mais suas experiências afetivas nas cenas de interação diádica. Além disto, enquanto as crianças com DT apresentaram o comportamento afetivo de referenciação social durante as interações triádicas, as crianças com TEA não revelaram nenhum escore para a categoria afetiva referenciação social. Este resultado pode estar relacionado com a dificuldade das crianças autistas em revelar comportamentos e habilidades da capacidade de atenção conjunta, uma vez que elas apresentaram um prejuízo em compartilhar seus interesses e sentimentos com T em relação a um objeto ou evento. No entanto, não se pode afirmar que as crianças autistas que participaram desta pesquisa não apresentam comportamentos de expressão emocional. Elas apresentam um déficit em coordenar as suas expressões emocionais com comportamentos sociais ou comunicativos. As crianças autistas se expressaram de uma maneira distinta quando comparadas com as crianças típicas. As crianças típicas, por apresentarem uma capacidade sócio-comunicativa mais desenvolvida, conseguem fazer uso destes comportamentos para se expressam emocionalmente.

Análise qualitativa

Para a realização da análise qualitativa foram selecionadas duas categorias diádicas, sendo uma de relação e a outra afetiva. A categoria diádica de relação foi escolhida para revelar como ocorreu a conexão intersubjetiva entre a criança e a terapeuta, de acordo com o conceito de regulação mútua. A categoria afetiva definida pelo conceito de forma da sintonia afetiva foi selecionada para demonstrar os aspectos qualitativos da experiência sócio-afetiva entre C e T. A seguir, será apresentada a descrição qualitativa de como ocorreram a conexão

afetiva e a manifestação dos aspectos afetivos desta conexão referentes a cada uma das díades.

Primeiro Grupo: crianças diagnosticadas com TEA

Díade 1 – Antônio (An) e Terapeuta (T)

Ao analisar a díade 1, observa-se os sinais de regulação mútua e de sintonia afetiva entre An e T, na cena B5. T inicia a brincadeira diádica vocalizando e tocando as bochechas de An. An olha para T sorrindo, T continua a vocalizar e a tocar as bochechas de An por mais algumas vezes e pára. An sorri, olha para a face de T, pega as mãos de T conduzindo-as novamente às suas bochechas para que T continue a brincar. Este ciclo se repete algumas vezes até que An não demonstra mais prazer pela brincadeira. T ajusta a postura de An na cadeira e inicia novamente a brincadeira. Até que T pede para An fazer o mesmo com ela. T ajuda An a levar as mãos às bochechas de T. Com ajuda de T, An toca as bochechas de T algumas vezes, mantendo o olhar, o sorriso e a atenção direcionados a T, enquanto T dá gargalhas e vocaliza. T tira suas mãos das mãos de An e pede novamente à criança que ela toque suas bochechas. Sozinho, An toca a face de T repetidas vezes. Tanto An quanto T sorriem demonstrando satisfação pela brincadeira.

A conexão intersubjetiva entre An e T é caracterizada por uma forma rítmica, organizada pela regulação mútua, demonstrada pelos ciclos de atenção dirigidos reciprocamente entre os parceiros da díade. Todas as vezes que T inicia a brincadeira dizendo à An: “Vou pegar essas bochechas” ou “vou levar essas bochechas pra mim”, An antecipa a ação de T, sorrindo e direcionando o olhar à T, demonstrando antecipação através da sua expressão de satisfação e excitação em relação a brincadeira iniciada por T. As expressões emocionais e de excitação de T são recíprocas às ações de An. Esta comunicação dos estados emocionais promove a regulação mútua durante a relação intersubjetiva estabelecida entre An e T.

A sintonia afetiva também pôde ser observada pela forma como os sentimentos de satisfação, prazer e excitação de ambos os parceiros foram expressos e compartilhados durante a brincadeira. No momento em que An toca as bochechas de T, T vocaliza: “pxiiii, pxiiii”, e ao mesmo tempo em que T vocaliza, An sorri e faz um movimento de elevar as pernas. As respostas

emocionais das ações de An em direção à T e vice-versa podem ser percebidas pelos movimentos rítmicos sutis expressos por diferentes modalidades de ações, por exemplo, os aspectos da vocalização de T é igualado pelos movimentos das pernas de An. A forma da sintonia afetiva que caracteriza a experiência sócio-afetiva ocorrida entre An e T pode ser descrita a partir da sincronia em que ocorrem as vocalizações de T em resposta ao comportamento de An que, por sua vez, sorri e eleva suas pernas sutilmente.

Além de a díade 1 ter revelado os sinais de conexão afetiva caracterizada pela regulação mútua e forma da sintonia afetiva em B5, também foi possível observar esta experiência de trocas sócio-afetivas recíprocas em C3 e C4. Na cena de cantiga C3, enquanto T bate palmas e diz: “Aêê” ou, em C4, quando T toca o pandeiro ao cantar, An responde com estereotípias do tipo flapping (caracterizado por maneirismo motor de levantar os braços e sacudir as mãos) e movimentos de abrir e fechar a mandíbula. Mesmo que estes comportamentos sejam considerados expressões atípicas do afeto, a manifestação deles somada à atenção, aos sorrisos e ao contato ocular dirigidas por An à T, revelam uma forma distinta de conexão intersubjetiva compartilhada entre An e T. Na cena M1, na qual esperava-se que An demonstrasse identificação afetiva com T, quando T fingiu se machucar e começou a chorar, An se mostrou irritado, choramingou e deu gritos, tentando se levantar da cadeira. Este comportamento de An pode sugerir uma maneira diferente de a criança demonstrar seu estado afetivo em relação ao comportamento afetivo de T. No entanto, nem nesta cena nem na cena M2 An participou da brincadeira demonstrando regulação mútua com a terapeuta.

Díade 2 – Francisco (F) e Terapeuta (T)

A análise qualitativa da díade 2 revela que em todas as cenas de filmagem ocorreu regulação mútua dos estados afetivos entre F e T, bem como foi observado o compartilhar dos estados afetivos entre os parceiros através da forma da sintonia afetiva.

A cena M2 ilustra com clareza a manifestação da regulação recíproca e da forma da sintonia afetiva revelada durante a conexão intersubjetiva que se deu entre F e T. Mesmo que durante o jogo, F não tenha demonstrado quantitativamente atenção ao interesse da T, F manifestou antecipação,

reciprocidade e contingência, ao compartilhar de forma rítmica seu estado afetivo com T e vice-versa, durante toda a cena.

A brincadeira começa. F martela depois é a vez de T e assim o jogo continua, até que F pede para trocar de martelinho com T, vocalizando: “ia, ia” ao mesmo tempo em que dá o objeto à T. T pergunta a F: “você quer o amarelo?”, F responde: “eu quero”, T vocaliza novamente enquanto F inicia a brincadeira. Quando F começa a dar as marteladas, T o estimula a martelar com mais força para que as bolinhas se movam. Ao tentar ajudar F, T posiciona sua mão próxima ao ponto de partida de F dar as marteladas e T finge ter se machucado. T começa a chorar ao mesmo tempo em que vocaliza: “ai meu dedo”. F pára, olha para a face de T, olha para a mão de T, F coloca suas mãos na frente da sua face, encosta-se na cadeira, vocalizando: “dculpa, culpa”, enquanto T chora e vocaliza: “meu dedo, meu dedo”. Novamente, F olha para a face de T, olha para a mão de T, T continua choramingando ao mesmo tempo em que F treme todo o seu corpo. F desencosta da cadeira, T chora, F balança a cabeça para cima e para baixo, franze o rosto, vai em direção à posição de T durante a brincadeira, começa a martelar se colocando no lugar de T, vocalizando ao mesmo tempo: “conde, conde, cado, caaaado, caaaaado, caaadooo, caaadooooo, caaadooo, aêêêê.” T pára de chorar, olha para F dizendo: “machucado, F, machucou meu dedo”. F pára de martelar do lado destinado à T martelar, T diz: “machucou”. F encosta-se na cadeira, estende os seus braços segurando o martelinho com as duas mãos, olha para baixo e vocaliza: “coma, coma, coma”, direcionando seu corpo e seu braço em direção à T. T diz: “machucou, faz carinho”. F olha para a mão de T, passa a mão na sua própria cabeça, se vira para o lado, desviando o olhar, com expressão de desconforto e vocaliza com as mãos na face: “dculpa”. T diz: “faz carinho”, ao mesmo tempo em que pega a mão de F para fazer carinho em sua mão. F tenta continuar a martelar dizendo: “aêê”. T diz: “dá beijinho”. T leva sua mão ao encontro da boca de F, F beija a mão de T, T diz: “isso”. F inicia novamente a brincadeira. T dá sua martelada ao mesmo tempo em que vocaliza: “puuuuum, você!” F dá uma martelada e, ao mesmo tempo, imita a vocalização: “puuuuum”.

A conexão afetiva é revelada durante toda a brincadeira pela forma como F manifesta seu sentimento em relação às ações de T e T se manifesta

reciprocamente em relação às ações de F. A sintonia afetiva é revelada algumas vezes. Por exemplo, enquanto T chora, F dá marteladas se colocando no lugar destinado à T martelar. T continua a chorar enquanto F vocaliza: “conde, conde, conde, cado, caaaado, caaaaado, caaadooo, caaadooooo, caaadooo, aêêêê.” Esta sincronia da manifestação dos estados afetivos (afetos de vitalidade) demonstrada pelas ações de cada parceiro revela o compartilhar dos sentimentos de cada um deles. Estas experiências afetivas são comunicadas entre F e T através da forma rítmica em que elas são expressas.

Ao se comparar a conexão afetiva estabelecida entre An e T com a conexão afetiva revelada entre F e T, verifica-se que F demonstrou mais vezes a conexão afetiva com T quando comparado a An. Além de haver esta diferença quantitativa, é possível perceber a diferença qualitativa entre a conexão afetiva estabelecida entre a díade 1 e a díade 2. F parece demonstrar o seu estado afetivo em relação à T com mais facilidade e qualidade do que An. An apresentou estereotipias enquanto F não as manifestou. F comunica também seus estados afetivos através de gestos e da comunicação simbólica. Apesar de F ter manifestado padrão de fala ecológica, ele apresentou comunicação pré-verbal e verbal, enquanto An revelou somente vocalizações e, muitas vezes, estas foram caracterizadas por sons desestruturados. Estes resultados podem sugerir a hipótese de que uma vez que a capacidade de conexão afetiva com o outro esteja presente no desenvolvimento de uma criança, esta possa favorecer o surgimento da capacidade de simbolizar. Ou, no caso da criança autista, é preciso antes desenvolver e estimular a capacidade de conexão sócio-afetiva para estimular a capacidade simbólica. A diferença qualitativa existente entre a conexão afetiva entre F e An pode estar associada ao fato de que F já se encontrava há mais tempo em intervenção do que An e, por isso, tenha sido de fato mais estimulado do que An quando esta pesquisa foi realizada. Outra possibilidade a ser levantada pode estar relacionada a diferenças do grau de severidade do autismo destas crianças.

Segundo grupo: crianças com DT

Díade 3 – Bia (B) e Terapeuta (T)

A análise qualitativa da díade 3 revela que em todas as cenas de filmagem ocorreu regulação mútua dos estados afetivos entre B e T. Além disso, foi observado o desempenho de comportamentos que expressaram a qualidade dos

sentimentos dos estados afetivos compartilhados entre os parceiros através da forma da sintonia afetiva.

Para ilustrar a conexão afetiva entre B e T, observa-se a interação dos parceiros na cena M1. B e T brincam de faz-de-conta, fingindo que estão falando no telefone. Cada uma coloca o martelinho próximo ao ouvido, como se o objeto fosse um telefone. Enquanto B faz um lanche, T pergunta a B: “ta papando?”, B olha para a face de T e responde: “tô”. T finge desligar o telefone, colocando o martelinho em cima da superfície e diz: “tchau, tchau!”, B responde: “tchau, tchau” e também finge desligar o telefone enquanto T dá uma gargalhada. B pega o martelinho que está ao lado de T, olha pra o brinquedo e vocaliza com pouca inteligibilidade na fala um: “vamos jogar”, T repete: “vamos jogar?”, pegando o outro martelinho. B diz: “gáá”. T diz: “vamo lá”, enquanto B faz um movimento com os braços e sorri. T estende o braço em direção ao lado no qual B deve iniciar a brincadeira, aponta com o martelinho e diz para B: “sua vez”. B dá uma martelada e, ao mesmo tempo em que é produzido um som pelo movimento provocado por B, T faz uma expressão facial de surpresa e movimenta seu corpo para trás. B olha para a face de T sorri, repete o movimento de martelar enquanto T tem a mesma reação expressiva e corporal. B sorrindo, olha por um período mais prolongado para a face de T e T diz: “vai!”. B martela novamente e, quando o som é produzido, T tem a mesma reação das vezes anteriores. B e T fazem uma pausa prolongada parando a brincadeira. T começa a bater com o martelo no brinquedo, B olha para a ação de T e depois para a face de T e diz: “vai, sou eu”. B coloca as bolinhas no lado de T enquanto T, sorrindo, diz: “sou eu, vai... vai, sou eu... agora sou eu, hein?” B começa a martelar com força, T diz: “calma, tem que esperar a vez”, B pára de jogar e olha para a face de T. T dá uma martelada e depois outra. Uma bolinha permanece no seu lado e, então, B martela no lado destinado à T martelar. T ri e diz: “tá invadindo meu espaço, hein”. B segura o brinquedo enquanto vocaliza qualquer coisa. T olha pra B e, gesticulado com as mãos, T diz repetidamente pra B: “tô de olho em você, hein?”. B pega o martelinho em cima da superfície, coloca-o no ouvido, e começa a brincar de fazer de conta que está ao telefone com T. Por um momento, elas trocam um diálogo verbal caracterizado por troca de informações, de olhares e sorrisos. A brincadeira acaba. B pega o martelinho para reiniciar o jogo, começa a martelar

no de T e diz para T: “agora sou eu”. B coloca com sua mãos ao bolinhas no seu lado. T diz: “vai,você”. B dá as marteladas, pára e olha para a T. T diz: “vai”. B martela mais algumas vezes, solta o martelinho e sai da brincadeira. B é posicionada para reiniciar o jogo, T dá umas marteladas, B dá outras. T diz: “agora eu”. T, ao dar a martelada, finge ter se machucado e começa a chorar. B, sorrindo, movimenta seu corpo ao mesmo tempo em que mantém o olhar em T enquanto T chora. B, sorrindoo, olha para sua tia que está sentada ao seu lado, olha novamente para T que choraminga. B pára de sorrir e fica séria. T pára de chorar, olha para B e diz: “Ai, fiz machucado no dedo, aiii”. T volta a choramingar, B continua olhando para T, e ao mesmo tempo, B levanta o seu corpo, coça o nariz e movimenta o outro braço que segura o martelinho sutilmente. T diz: “aiii, doeu”. B olha para o brinquedo, vocaliza enquanto dá uma martelada no lado de T. T diz: “fez assim ó, puuuuum”, enquanto mostra à B como se machucou. T diz: “doeu, fez dodói”. B olha para T, vocaliza e movimento seu corpo em direção à T, pedindo para ver o dedo machucado de T. B olha o dedo de T. A tia de B diz: “dá beijo”. B prontamente beija o dedo de T. T diz: “aaaaai, já passou o dodói... Ó vamos brincar já mais”. T dá uma martelada, B dá outra, mas vira seu corpo e sai da brincadeira se dirigindo à sua tia. T diz: “vamos comer, né?”.

Durante M1, é possível observar fortes padrões da regulação mútua na interação da díade 3. Esta interação é caracterizada por uma forma rítmica das ações dos parceiros, na qual B e T mostram uma coerência temporal dos padrões cíclicos de atenção, antecipação e reciprocidade, ao alternarem suas ações de forma sincrônica. Esta sincronia das ações permite uma comunicação dos sentimentos dos estados afetivos entre os parceiros durante o jogo.

A forma da sintonia afetiva é caracterizada pela comunicação sutil dos estados dos sentimentos internos ocorrida entre B e T. A comunhão interpessoal estabelecida entre a díade 3 pôde ser observada durante toda a cena M1. Este compartilhar de experiências afetivas é revelado quando: B dá uma martelada e, ao mesmo tempo em que é produzido um som pelo movimento provocado por B, T faz uma expressão facial de surpresa e movimenta seu corpo para trás. B olha para a face de T sorri, repete o movimento de martelar enquanto T tem a mesma reação expressiva e corporal. B sorrindo, olha por um período mais prolongado

para a face de T e T diz: “vai!”. B martela novamente e, quando o som é produzido, T tem a mesma reação das vezes anteriores. A sintonia afetiva ocorreu em diferentes formas e modalidades sensoriais. O movimento de martelar de B parece corresponder com a expressão facial de T, além de o som produzido pelo martelar de B parece corresponder ao movimento para trás revelado por T. A percepção sutil destas correspondências de movimentos permitem tanto à B quanto à T experimentar a qualidade da experiência afetiva entre elas, caracterizando o compartilhamentos mútuo dos sentimentos.

Díade 4 – Camila (Ca) e Terapeuta (T)

A análise qualitativa da díade 4 revela conexão afetiva entre Ca e T em todas as cenas de filmagem. Esta conexão é caracterizada pela regulação mútua dos estados afetivos e pela forma da sintonia afetiva.

Para exemplificar a conexão afetiva estabelecida entre os parceiros da díade 4, observa-se a cena C4. Ca e T, sentadas no chão, brincando de colorir desenhos. Ao lado de Ca encontra-se um chocalho. T chama Ca para colorir mais um desenho, dizendo: “vamos colorir esse, vem”. Ca pega o chocalho, começa a sacudí-lo, olhando e sorrindo para T. T olha e sorri para Ca, que continuar a tocar o chocalho, T diz: “tem que cantar junto”. T começa a cantar: “...a baleeeeeia, a baleeeeeia, é amiiiiiga da sereeeeeia...”, ao mesmo tempo em que T canta, Ca balança o chocalho. Quando T, ao cantar, prolonga o som “eeeeee” de sereia, Ca, faz um movimento de abrir os braços, expandindo o peitoral, sincronizado ao ritmo de T. A cantiga continua. T canta e bate palmas ao mesmo tempo. Em sincronia ao movimento de T, Ca sacode o chocalho. Ca e T trocam olhares e sorrisos enquanto uma canta e a outra chocalha. T pára de cantar, olha para Ca, Ca sorri sacudindo o chocalho. T pergunta: “como que é Ca?” Ca sorrindo, olha para T, chocalha e, no mesmo ritmo, T balança o seu corpo sorrindo para Ca. Ca pára. T diz: “toca pra dançar”. Ca troca o instrumento musical de mão e continua a tocá-lo, enquanto T balança e sacode o seu corpo no mesmo ritmo que o som produzido pelo chocalho. Ca pára, aponta para a TV, vocaliza: “o Pablo”. T, pega o giz de cera, aponta para o desenho, se inclina sobre ele, começa a pintar e diz: “o Pablo, vamos colorir o Pablo”. Ca move seu corpo em direção ao desenho, chocalha, batendo o instrumento sobre desenho. T diz: “aaahh, coitado do Pablo”. Ca olha sorrindo para T, enquanto T vocaliza repetidamente: “ahhh, coitado do

Pablo, a Ca ta batendo no Pablo”. Ca sorri, olha para baixo, repete o movimento de chocalhar sobre o desenho ao mesmo tempo em que olha para T que está debruçada sobre o desenho. Ca continua chocalhando, T olha para Ca e diz: “vou colorir, vou colorir a cara do Pablo de azul”, Ca e T uma olhando para a outra, Ca continua a tocar e a olhar sorrindo para a face de T. T, no mesmo ritmo das batidas de Ca, diz: “aahhh, coitado do Pablo”. Ca pára de tocas o chocalho, sorri, move o seu corpo para trás, batendo um dos pés no chão, enquanto T dá gargalhadas e move o seu corpo para frente e para trás. T diz: “vou colorir o Pablo...”. Ca inicia novamente a seqüência, batendo o chocalho sobre o desenho. Esta cena é repetida várias vezes.

A categoria de relação regulação mútua é marcada na seqüência da cena C4 pelas trocas de atenção, reciprocidade e contingência pelas quais se manifestam as ações expressas por um parceiro em relação às ações do outro parceiro. O processo interativo estabelecido entre Ca e T é caracterizado pela forma rítmica da expressão das ações, ocorrendo uma comunicação dos sentimentos do estado afetivo dos parceiros.

A categoria afetiva forma de sintonia afetiva ocorreu em toda a cena sendo caracterizada pelos aspectos qualitativos da experiência sócio-afetiva entre Ca e T. Um exemplo da forma como os comportamentos da díade se caracterizaram através de respostas afetivas entre os parceiros pode ser observada pela repetição de uma seqüência de comportamentos descrita a seguir. T começa a cantar: “...a baleeeia, a baleeeia, é amiiiiiga da sereeeeia...”, ao mesmo tempo em que T canta, Ca balança o chocalho. Quando T, ao cantar, prolonga o som “eeeeee” de sereia, Ca, faz um movimento de abrir os braços, expandindo o peitoral, sincronizado ao ritmo de T. A cantiga continua. T canta e bate palmas ao mesmo tempo. Em sincronia ao movimento de T, Ca sacode o chocalho. A forma da sintonia afetiva pode ser observada com clareza pela expressão prolongada do som emitida por T “eeeeeeee” e, Ca, em sincronia à ação de T, faz o movimento com os braços, expandindo o peitoral. A sintonia afetiva é continuamente marcada nesta seqüência: T canta e bate palmas no mesmo ritmo em que Ca sacode o chocalho. Desta maneira, a conexão afetiva estabelecida entre Ca e T ocorre através do compartilhar mútuo dos sentimentos dos estados interiores dos parceiros, estando eles inseridos em um contexto.

Ao se comparar a conexão afetiva estabelecida entre B e T com a conexão afetiva revelada entre Ca e T, verifica-se que não existem diferenças qualitativas entre as díades. Tanto a díade 3 quanto a díade 4 estabeleceram entre os parceiros as categorias de regulação mútua e de forma de sintonia afetiva em todas as cenas de análise. Importante ressaltar que ambas as crianças com DT se conectaram intersubjetivamente e afetivamente com T a partir de interações triádicas. As relações interpessoais do grupo das crianças DT foram caracterizadas por cenas de atenção conjunta as quais o compartilhar de intenções, ações e sentimentos eram mediadas por um objeto ou evento. Ambas as crianças típicas desenvolveram na relação com T outras situações que foram propostas para as cenas de filmagem. Por exemplo, surgiu tanto na interação de Ca e de B com a terapeuta brincadeiras de faz-de-conta, brincadeiras de colorir e o interesse em assistir filmes infantis. Portanto, as cenas de filmagem para o grupo das crianças DT foram realizadas de acordo com o contexto estabelecido entre os parceiros. Este resultado sugere a capacidade revelada por este grupo em estabelecer a conexão intersubjetiva com o outro através da capacidade simbólica e de uma vida imaginativa já em ação. Além disto, a relação intersubjetiva destas crianças é fortemente marcada pela intersubjetividade afetiva. Parece que a conexão afetiva permeia e permite as trocas sócio-comunicativas entre as crianças típicas e o outro.

Ao se comparar a qualidade da conexão afetiva estabelecida pelas crianças TEA com a terapeuta com àquela estabelecida pelo grupo das crianças DT, percebe-se que as crianças com DT revelaram melhor qualidade ao se conectarem afetivamente com o outro. Embora F, uma das crianças do grupo TEA, tenha demonstrado regulação mútua e sintonia afetiva em todas as cenas de análise, alguns aspectos desta conexão se diferenciaram da conexão estabelecida pelas crianças típicas com a terapeuta. Pode-se dizer o mesmo sobre a diferença dos aspectos qualitativos da conexão afetiva estabelecida entre An e T quando comparado ao grupo de crianças DT.

A diferença qualitativa da conexão afetiva entre os dois grupos participantes se justifica quando se observa que as crianças autistas estabelecem por menos tempo o contato ocular com o outro, sorriem menos como resposta às ações do outro e combinam menos o contato ocular com respostas afetivas quando

comparadas com as crianças típicas, além de não apresentarem a referenciação social. Os prejuízos nos comportamentos comunicativos revelados pelas crianças TEA também podem justificar a diferença qualitativa da conexão afetiva manifestada pelos dois grupos. Parece que as crianças típicas estabelecem a relação intersubjetiva com o outro não só para compartilhar suas intenções, mas principalmente para compartilhar o afeto. Entre o grupo das crianças típicas, a conexão afetiva se constitui não só como uma forma de transmissão e de expressão dos sentimentos de um parceiro em relação ao outro, mas também parece ser o elo pelo qual as intenções e desejos possam ser expressos. Parece que a dificuldade na conexão afetiva revelada pelas crianças autistas altera o padrão das relações intersubjetivas estabelecidas entre elas e o outro. Este aspecto foi observado pela forma como as crianças autistas se comportaram diante as propostas das situações e contextos de filmagem quando comparada pela maneira ocorrida com as crianças típicas. Enquanto as crianças autistas se mantinham passivas em relação às atitudes de filmagem propostas pela terapeuta, permanecendo sentadas, demonstrando pouco interesse por outros objetos ou situações, as crianças típicas não se mantinham sob a estrutura de filmagem proposta pela terapeuta. As cenas de filmagem das crianças típicas eram inseridas dentro de um contexto criado no momento da filmagem. Por exemplo, B e T brincavam de fazer desenhos, T propõe desenhar um bolo com vela para que juntas pudessem cantar “parabéns pra você”. Neste contexto de fazer desenhos foi criada uma maneira de filmar a cena C3. O mesmo não ocorreu entre o grupo de crianças autistas.

Portanto, através da análise das cenas é possível perceber com clareza as diferenças da forma como a conexão afetiva é estabelecida entre os dois grupos. Não se pode afirmar que as crianças autistas não se conectam afetivamente com o outro, mas quando comparadas com o grupo das crianças típicas é visível a diferença qualitativa desta conexão.